



A idolatria não desapareceu com a modernidade

Publicado em 2026-03-21 11:51:55



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

apenas mudou de objectos e de linguagem.

- Deuses, celebridades, futebolistas, líderes e influenciadores podem cumprir a mesma função simbólica de submissão.
- Uma sociedade tecnologicamente avançada pode continuar espiritualmente infantil.
- Admirar é saudável; endeusar é abdicar do juízo crítico.
- A idolatria favorece sempre algum poder, porque distrai, emociona e domestica.

A Idolatria: A Doença Antiga da Humanidade

*A modernidade trocou os altares, mas não curou a
velha doença de ajoelhar.*

Há doenças do corpo, há doenças da alma, e há doenças da civilização. A idolatria pertence a esta última categoria. É uma enfermidade antiga, persistente, adaptável, insinuante.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O homem idólatra é aquele que transfere para fora de si a grandeza que deveria construir dentro de si. Em vez de elevar a consciência, eleva o pedestal. Em vez de fortalecer o pensamento, fortalece a reverência. Em vez de amadurecer como espírito livre, prefere prostrar-se diante de figuras, símbolos, ícones ou entidades às quais entrega, com espantosa facilidade, a sua atenção, a sua emoção e, não raras vezes, o seu próprio juízo.

Durante séculos, a idolatria vestiu-se de religião, de monarquia sagrada, de dogma intocável. Hoje, em pleno século XXI, julga-se sofisticada porque se apresenta com roupagens novas: futebolistas tratados como semideuses, celebridades fabricadas pela indústria do espectáculo, líderes políticos embalados como salvadores, influenciadores transformados em sacerdotes do vazio, marcas convertidas em objectos de devoção colectiva. Mudou a montra; a submissão ficou.

A técnica avançou, a alma nem sempre

A tragédia do nosso tempo é precisamente esta: alcançámos níveis extraordinários de sofisticação técnica, mas não garantimos qualquer equivalente maturidade interior. Podemos lançar sondas ao espaço, produzir algoritmos complexos, manipular quantidades colossais de informação

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

muitas vezes arrasta-se. E assim se tornou possível viver num mundo de inteligência artificial com mentalidades ainda moldadas por reflexos tribais, pulsões gregárias e necessidade quase infantil de venerar figuras exteriores. O ecrã substituiu o templo, a transmissão em directo substituiu a procissão, o aplauso histérico substituiu a oração — mas o gesto essencial é o mesmo: ajoelhar.

A idolatria é, por isso, uma forma de atraso mascarado de modernidade. Não importa que os objectos de adoração sejam agora mais mediáticos, mais glamorosos ou mais rentáveis. O mecanismo psicológico e social permanece o mesmo: a suspensão do pensamento crítico em favor da reverência emocional.

Do respeito à servidão

Convém distinguir, com rigor, admiração de idolatria. Admirar é reconhecer mérito, talento, coragem, beleza ou inteligência. É um acto legítimo e até nobre, quando preserva a lucidez. A idolatria começa no momento exacto em que a admiração deixa de ser julgamento e passa a ser rendição. Quando já não se observa, mas se venera. Quando já não se aprecia, mas se obedece emocionalmente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

crescer; quer fundir-se numa massa devota onde a responsabilidade individual se dissolve no entusiasmo colectivo.

É por isso que a idolatria empobrece o espírito. Não porque admire em excesso, mas porque substitui a construção interior por uma dependência exterior. O idólatra empresta a outrem a energia que deveria investir na sua própria elevação. Em vez de se tornar maior, escolhe venerar o tamanho dos outros.

A utilidade política e social da idolatria

Nenhuma idolatria de massas é inocente. Toda a idolatria serve alguém. É útil aos poderes instalados que os povos se emocionem com figuras em vez de analisar estruturas. É útil que se percam em mitologias de consumo, celebridade, clubismo ou salvação política, em vez de questionarem os mecanismos reais da exploração, da desigualdade, da propaganda e da concentração de poder.

Enquanto milhões de pessoas investem paixões quase religiosas em camisolas, rostos e slogans, os verdadeiros operadores do poder trabalham com tranquilidade. Sabem que um povo entretido é mais fácil de conduzir. Sabem que uma multidão fascinada por ícones raramente se dedica a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

energias que poderiam ser usadas para pensar, criar, transformar e resistir. E assim a idolatria não é apenas um defeito moral ou intelectual; é também uma tecnologia social de domesticação.

A pobreza de espírito como terreno fértil

A idolatria floresce onde falta densidade interior. Não se trata de escolaridade formal, diplomas ou acesso à informação. Há pessoas instruídas e profundamente idólatras. O problema é mais fundo: falta de autonomia espiritual, incapacidade de suportar a liberdade, medo de existir sem tutelas simbólicas.

O espírito pobre procura sempre um altar. Sente-se pequeno e quer compensar essa pequenez associando-se emocionalmente a algo grandioso, famoso ou sagrado. Em vez de construir carácter, procura brilho reflectido. Em vez de erguer uma voz própria, repete cânticos. Em vez de caminhar em pé, prefere o conforto psíquico de seguir um cortejo.

Nisso reside uma das misérias mais persistentes da humanidade: a dificuldade em aceitar que a dignidade não nasce da adoração, mas da verticalidade. Não nasce da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma civilização verdadeiramente madura educaria os seus cidadãos para respeitar sem venerar, para reconhecer mérito sem construir mitologias, para apreciar valor sem abolir a crítica. Não precisaria de fabricar figuras sacralizadas para manter a coesão emocional das massas. Apostaria antes em consciência, em lucidez, em responsabilidade individual e em cultura crítica.

O grande desafio do século XXI talvez não seja apenas tecnológico, económico ou geopolítico. Talvez seja, antes de tudo, antropológico: saber se a humanidade quer, finalmente, crescer por dentro. Saber se quer libertar-se da compulsão de adorar. Saber se consegue trocar o delírio do pedestal pela serenidade da consciência.

Enquanto não o fizer, continuará a exibir máquinas cada vez mais inteligentes e sociedades frequentemente cada vez mais infantis. Terá poder técnico, mas não grandeza moral. Terá conectividade, mas não lucidez. Terá espectáculo, mas não elevação.

A idolatria é, no fundo, a vitória da dependência emocional sobre a liberdade interior. E toda a humanidade que insiste em adorar demasiado acaba, mais cedo ou mais tarde, por obedecer mais do que pensa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Ensaio de : **Francisco Gonçalves**, para **Fragmentos do Caos**

Escrevemos não para fabricar altares, mas para derrubar os que mantêm o espírito humano de joelhos.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)